

PREVALÊNCIA DE MOTIVOS E PERCEPÇÃO DE EFEITOS ADVERSOS RELATADOS APÓS A AUTOMEDICAÇÃO DE AINES E ANALGÉSICOS EM ESTUDANTES DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA E JORNALISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO DE RIBEIRÃO PRETO

¹Mateus Laurito Drighetti

RESUMO

Introdução: os antiinflamatórios não-esteroidais (AINEs) e analgésicos são medicamentos utilizados para a melhora da dor e da inflamação, com uso prevalente por estudantes universitários.

Objetivo: análise do uso indiscriminado e efeitos colaterais desenvolvidos pelo uso de medicamentos das classes dos fármacos AINEs.

Metodologia: o presente artigo trata-se de um estudo quantitativo transversal, realizado por meio de um questionário autoaplicado entre os estudantes dos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto, com avaliação descritiva dos fatos.

Resultados: a partir do levantamento dos dados, foi notado que todos os estudantes dos cursos supracitados já se automedicaram com AINEs. Também foi constatado que a principal influência para o uso do medicamento escolhido foi indicação de pessoas próximas. Foram ainda identificados a sonolência como principal efeito adverso, dor como maior motivo para o uso e a dipirona como o medicamento mais frequentemente usado.

Conclusão: os resultados em sua maior parte condisseram com as expectativas dos autores com base em consultas bibliográficas.

Palavras-chave: Automedicação, AINES, Estudantes, Sintomas, Efeitos Adversos.

Recebido em: 09/06/2023

Aprovado em: 11/10/2023

DOI: <https://doi.org/10.19141/2237-3756.lifestyle.v10.n00.pe1573>

¹ Instituto de Educação Médica do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto, São Paulo, (Brasil). E-mail: mateusdrig@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-6905-4523>

P REVALENCE OF MOTIVES AND THE PERCEPTION OF THE SIDE EFFECTS NOTICED AFTER THE SELF-MEDICATION OF NSAIDS IN A POPULATION OF MARKETING AND JOURNALISM UNDERGRADUATES OF THE CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO DE RIBEIRÃO PRETO

ABSTRACT

Introduction: the non-steroids anti-inflammatory drugs (NSAIDs) are medications frequently used for pain and inflammation relief and has huge prevalence of use among higher education students.

Objective: this study is meant to perform the analysis of the indiscriminate use and the most relevant side effects developed because of these medicines.

Methodology: the article is based on a transversal-quantitative study, made with the results of a self-applied questionnaire answered by Marketing and Journalism undergraduates, with post-results descriptive evaluation.

Results: the data showed that the use of NSAIDs among Marketing and Journalism students is significantly high, showing that all of them self-medicated with NSAIDs at least once, and most of them chose self-medication because close people recommended it, as well suggested which drug to use. The most common side-effect seen is sleepiness, the major cause for use is pain and the most frequently used medication is dipyrone.

Conclusion: the results are, in majority, correspondents to the authors's expectations, which were based on bibliographic search.

Keywords: Self-Medication. NSAIDs. Students. Symptoms. Side Effects.

INTRODUÇÃO

Desde 1829, o uso de substâncias químicas é utilizado para a melhora da dor e da inflamação, sendo na época utilizado apenas um antiinflamatório não-esteroidal (AINE) com tal fim, o ácido acetilsalicílico (MONTEIRO *et al.*, 2008). Com o tempo, foi descoberto que o medicamento possuía propriedades tóxicas e provocava intolerância gastrointestinal, portanto, houve a necessidade de criar novas opções, surgindo primariamente no ano de 1950 a fenilbutazona (CHAHADÉ; GIORGI; SJAZUBOK, 2008). Atualmente, ao redor do globo, há mais de 20 tipos de AINEs disponíveis no mercado, incluindo o ácido acetilsalicílico, hoje eternizado como Aspirina[®], seu nome comercial (SOLOMON, 2007) e consistem nos

medicamentos mais receitados na área de reumatologia (CHAHADE; GIORGI; SJAZUBOK, 2008).

A ação dos AINEs consiste principalmente na inibição específica de cicloxigenases (COX), as quais, através da via do ácido aracdônico, estariam presentes na síntese de prostaglandinas, as quais são responsáveis pelo processo inflamatório. Atualmente, sabe-se que há pelos menos duas isoformas de COX, a COX-1 e a COX-2. Descobriu-se também que a COX-1 tem sua principal ação nos mecanismos de proteção do sistema gastrointestinal e a COX-2 uma ação mais direta na inflamação. Por conseguinte dessa descoberta, foram criados medicamentos inibidores seletivos da COX-2, reduzindo assim uma de suas potenciais reações adversas medicamentosas, que é a irritação gastrointestinal (MONTEIRO *et al.*, 2008). No Brasil, os princípios ativos mais utilizados para automedicação são Dipirona, Ácido Acetilsalicílico, Diclofenaco e Paracetamol (ARRAIS *et al.*, 1997). Logo, os medicamentos mais utilizados sem prescrição no país são AINEs.

A automedicação tem sido considerada como a iniciativa de um doente ou seu responsável com fim de aliviar sintomas ou tratar doenças ao utilizar produtos farmacêuticos sem indicação de um profissional da saúde (PAULO; ZANINE, 1988). Fomentando esta prática, há uma indução por conta de persistentes propagandas no rádio e na televisão, apesar da intensificação da legislação que dispõe sobre o assunto (BATISTA; CARVALHO, 2013). Em estudos anteriores, foi relatado que o número de estudantes universitários que já se automedicaram preocupam, variando entre 38,8% (SOUZA *et al.*, 2011) e 56,6% (CABRITA *et al.*, 2001).

Esta pesquisa teve como enfoque a análise do uso indiscriminado e efeitos colaterais desenvolvidos pelo uso de medicamentos das classes dos fármacos antiinflamatórios não-esteroidais (AINEs). Foram utilizados questionários autoaplicados, cujo foi identificar se há automedicação com AINEs nos grupos supracitados, entender os motivos para o uso, analisar as principais reações adversas medicamentosas surgidas e detectar se nos usuários do Sistema Único de Saúde o tempo de espera para consulta foi fator determinante para a automedicação.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo transversal. Como instrumento para coleta de dados, foi utilizado um questionário autoaplicado para os 65 alunos presentes no dia, dentro da sala de aula, em tempo de 10 minutos cedidos pelo professor responsável, contendo identificação padronizada e 12 questões fechadas e abertas, cuja finalidade foi analisar os fatos

apresentados por discentes dos cursos de publicidade e propaganda e jornalismo do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto, SP. Foram considerados critérios de inclusão: estar matriculado nos cursos supracitados e que tenham concordado em participar da pesquisa para tal fim, foi preenchido o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Além disso, adotou-se como critérios de exclusão o preenchimento incorreto do questionário e pessoas com idade inferior a 18 anos completos sem autorização de seus responsáveis. O trabalho foi autorizado pelo comitê de ética do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto, com CAAE 70621517.0.0000.5581. Foi feita a avaliação descritiva dos dados.

RESULTADOS

Foi encontrado que, dentre os estudantes do curso, um total de 18 discentes (36%) estavam em sua segunda década de vida, descontando os menores de idade, e 32 (64%) estavam em sua terceira década de vida. Em relação ao sexo, tem-se que a maioria é homem, chegando a 58% ou 29 pessoas enquanto as mulheres representam uma fatia de 42% ou 21 pessoas. No tocante ao acesso preferencial à saúde (APS), obteve-se um total de 62% ou 31 pessoas para os usuários de algum tipo de convênio e 38% ou 19 pessoas utilizam o Sistema Único de Saúde como sua principal forma de acesso à saúde. Quando se trata do estado civil da amostra, a enorme maioria é de solteiros, representada por 94% da população ou 47 pessoas. Em seguida, há os casados que equivalem a 4% da amostra ou 2 pessoas e apenas 1 pessoa ou 2% da amostra que se enquadra na categoria Outros, sem especificar qual o estado. Quanto a renda, 4% dos participantes tem renda menor que 1 salário mínimo por pessoa (SMPP), 82% de 1 a 3 SMPP e 14% maior que 3 SMPP.

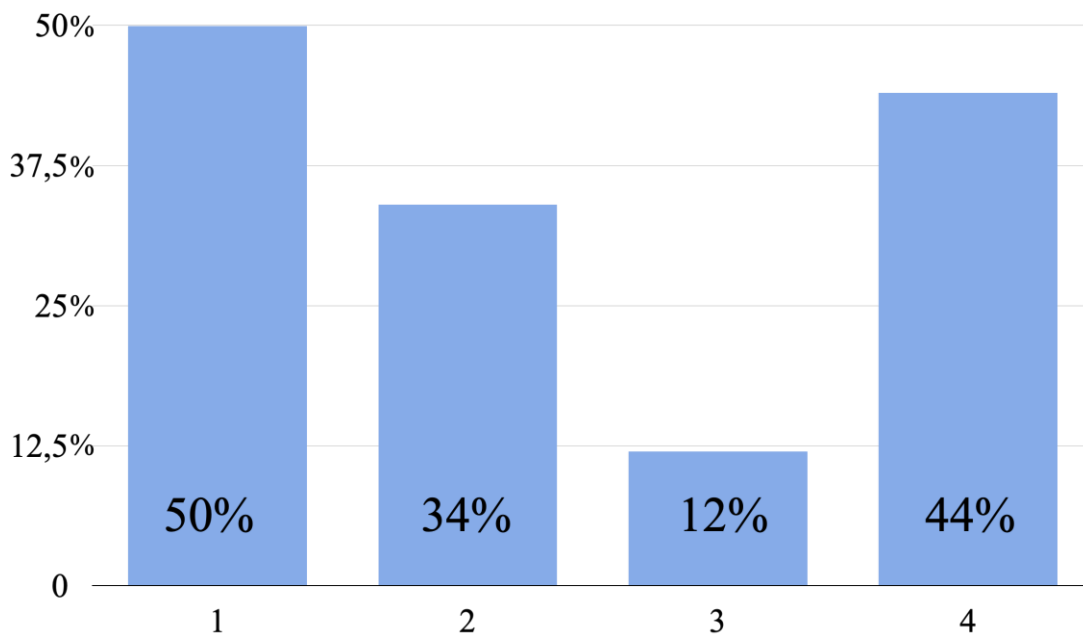
Tabela: Caracterização do Perfil Epidemiológico dos participantes.

IDADE	SEXO	APS	ESTADO CIVIL	RENDA
36% de 18 a 20 anos	Homem 58%	Convênio 62%	Solteiro 94%	<1 SMPP
64% de 21 a 29 anos	Mulher 42%	SUS 38%	Casado 4%	De 1 a 3 SMPP 82%
X	X	X	Outros 2%	> 3 SMPP 14%

Fonte: os autores (2019).

Foi constatado, conforme consta no Gráfico 1, que a principal influência para o uso do medicamento escolhido foi indicação de vizinhos, amigos, parentes próximos, etc., com 50% dos participantes ou 25 indivíduos tendo sido influenciados por tal. Em seguida, com 34% ou 17 pessoas, o uso de receitas médicas antigas. Após, a propaganda influenciou 14% das pessoas ou 7 indivíduos e por último a indicação por parte de alguém com formação na área da saúde, com um total de 44% ou 22 pessoas.

Gráfico 1: Principais influências para os participantes escolherem o medicamento.

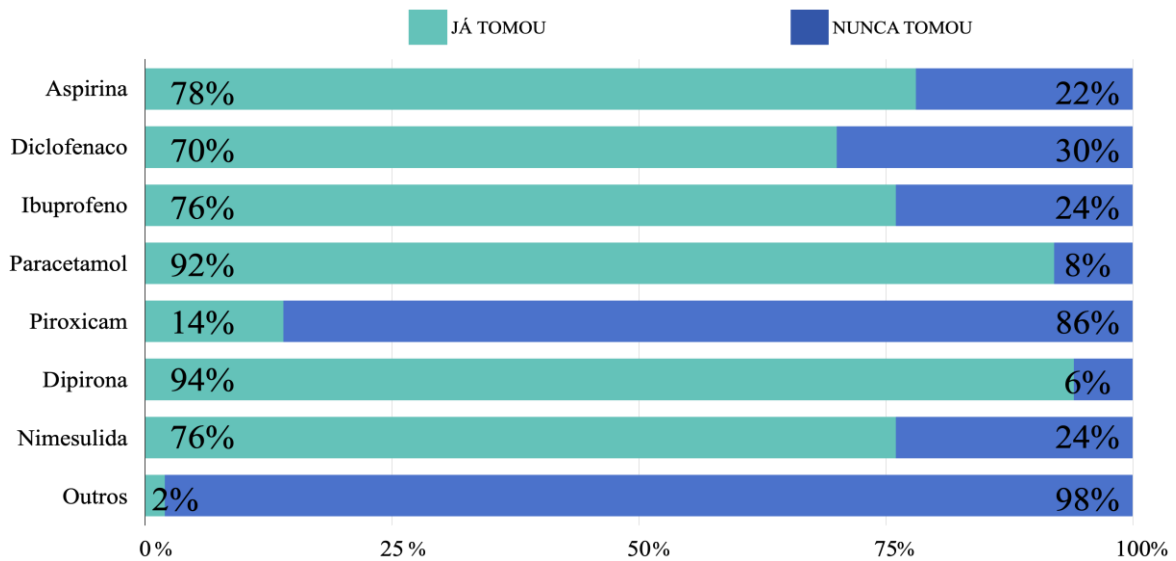


Legenda: 1- Vizinhos, amigos, parentes próximos, etc.; 2 - Receitas médicas antigas; 3 - Propagandas; 4 - alguém com formação na área da saúde.

Fonte: os autores (2019).

Quanto aos medicamentos mais utilizados, como mostra o Gráfico 2, o principal foi Dipirona, com 94% ou 47 pessoas. Logo após está a Aspirina, com 78% ou 39 pessoas. Em seguida, vem o Paracetamol, com 92% ou 46 pessoas, seguido pelo Ibuprofeno, empatado com a Nimesulida, com 76% ou 38 pessoas. Depois, Diclofenaco com 70% ou 35 pessoas. Após, com 14% ou 7 pessoas, ou Piroxicam. Por último, outros medicamentos não especificados com 2% ou 1 pessoas. Vale-se ressaltar que todos os participantes tomaram pelo menos um AINEs.

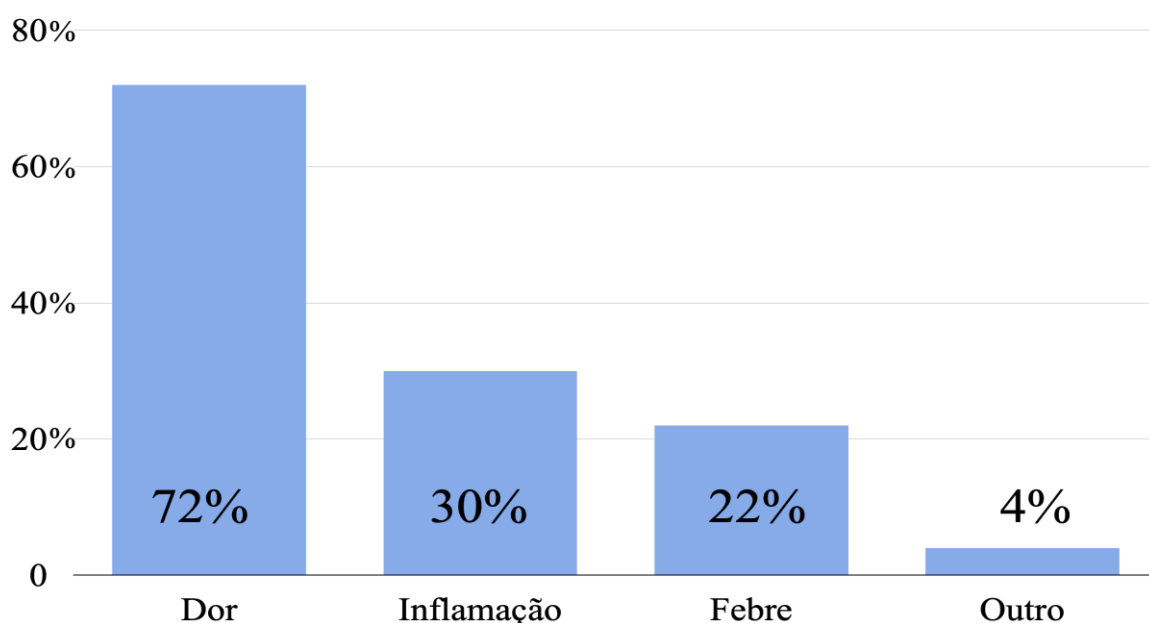
Gráfico 2: Porcentagem da população do estudo que já utilizou cada medicamento.



Fonte: os autores (2019).

Como pode-se identificar no Gráfico 3, em primeiro lugar dentre os motivos para uso dos Antiinflamatórios Não-Esteroidais é a dor, com um total de 72% ou 36 pessoas considerando este motivo. No segundo lugar, 30% dos participantes ou 15 pessoas tomaram para combater uma inflamação. Em seguida, 22% dos indivíduos, ou 11 pessoas, relataram ter utilizado por conta de febre. Por último, 4% ou 2 pessoas utilizaram por outros motivos não especificados.

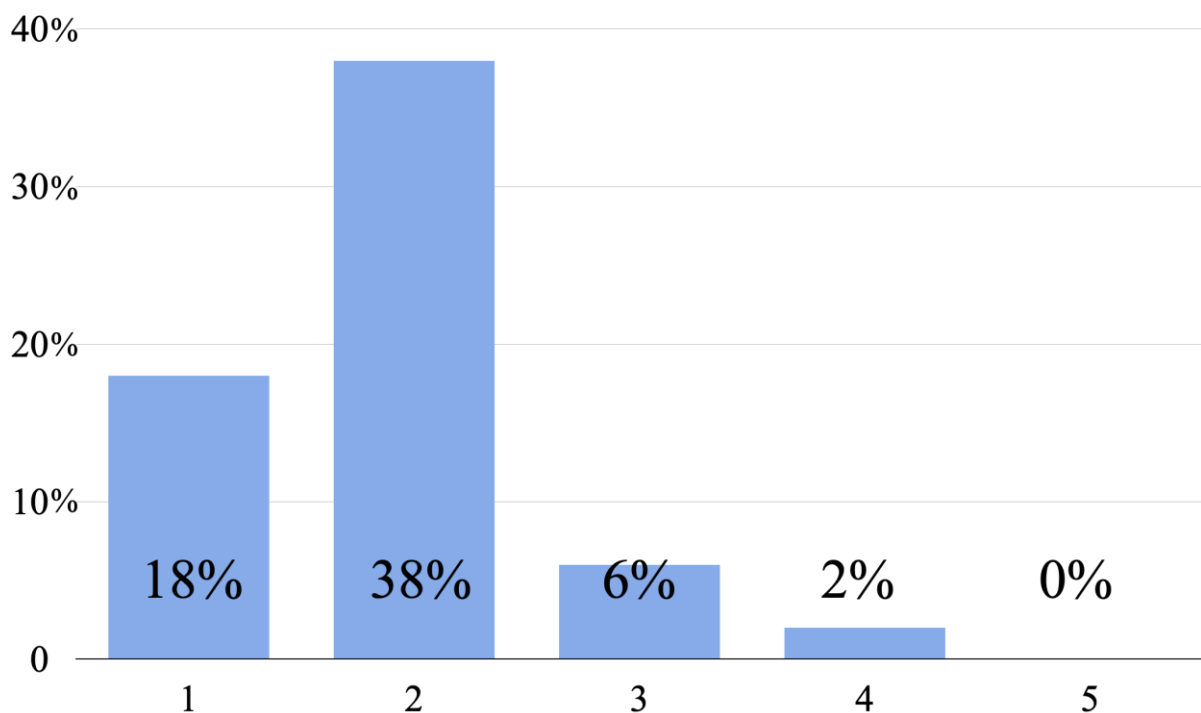
Gráfico 3: Principais motivos relatados pelos participantes para o uso de AINEs e analgésicos.



Fonte: os autores (2019).

Quando se trata dos efeitos adversos relatados, como pode ser visto no Gráfico 4, os resultados encontrados foram que o mais frequente foi a sonolência, presente em 38% dos participantes ou 19 pessoas, seguido pela dor na boca do estômago, com 18% ou 9 pessoas. Os demais efeitos relatados tiveram prevalência reduzida, consistindo em 3 pessoas ou 6% para desconforto gastrointestinal, 2% ou 1 pessoa com alteração urinária e nenhuma pessoa relatou ter outro efeito adverso.

Gráfico 4: Efeitos adversos relatados pelos participantes após o uso dos principais AINEs e analgésicos sugeridos nos questionários.



Legenda: 1 - Dor na boca do estômago (pirose); 2 - Sonolência; 3 - Desconforto gastrointestinal; 4 - Alteração urinária; 5 - Outro.

Fonte: Os autores (2019).

Houve também perguntas relacionadas à influência que havia o participante ter acesso preferencial à saúde pelo Sistema Único de Saúde ou por convênio. Os resultados foram de que a prevalência de automedicação de AINEs é igual em ambos, visto que todos os participantes utilizaram pelo menos um AINEs em sua vida. Ademais, dos 17 indivíduos que tinham acesso preferencial à saúde pelo SUS, 11 consideraram a espera para consulta no sistema relevante na sua decisão de automedicação e 6 consideraram irrelevante.

DISCUSSÃO

O perfil epidemiológico traçado correspondeu às expectativas dos autores. Por se tratar de alunos universitários, a idade está dentro do previsto, visto que não havia nenhuma pessoa com idade superior à faixa de 21 a 29 anos de idade, quando comparado com outros estudos, tal qual o realizado na Universidade de Ribeirão Preto, em que encontra-se uma idade média de 21,5 anos de idade (SOUZA *et al.*, 2011). No que se refere ao sexo, pode-se dizer que há boa distribuição entre homens e mulheres, principalmente por se tratar de um estudo realizado com uma amostra de apenas 50 pessoas, não abrindo grande margem para representações muito distanciadas em medidas de porcentagem. O APS também condiz, por se tratar de uma universidade particular, esperava-se maior possibilidade de acesso a planos de saúde. Ambos estado civil e renda foram aspectos que não haviam sido encontrados estudos como referência para esperarmos algum resultado, portanto, não havia expectativa prévia sobre estes dados.

A respeito dos principais fatores relacionados à escolha de determinado medicamento, houve surpresa por parte dos autores. Tanto porque apenas 44% levaram em consideração indicação de pessoa de profissional da saúde, quanto que em cursos extremamente relacionados a aspectos do marketing não tenham levado tanto em consideração os mesmos em suas escolhas de medicamento. A primeira foi uma surpresa negativa, já que em estudos previamente encontrados, havia prevalência menor equivalente a 38,8% (SOUZA *et al.*, 2011) a 56,6% (CABRITA *et al.*, 2001), apesar de que em outro estudo, encontrou-se resultado igual a 85,3% (SILVA *et al.*, 2012) tornando o resultado encontrado mais positivo. Já a segunda parece ser positiva, visto que demonstra que apesar dos esforços da indústria farmacêutica para se normalizar a automedicação (BATISTA; CARVALHO, 2013), até mesmo pessoas do meio têm levado em consideração outros motivos para a escolha de medicamentos. A questão de apenas 44% terem utilizado os medicamentos por recomendação de profissional de saúde condiz com as expectativas dos autores, visto que estes medicamentos não exigem prescrição médica para aquisição e são vistos como inofensivos pela população leiga.

No tocante aos principais medicamentos utilizados, todos, com exceção do Piroxicam, condisseram com o encontrado em estudos anteriores (ARRAIS *et al.*, 1997), visto que há enorme quantidade de pessoas que já os utilizaram. Levanta-se a hipótese para explicação da disparidade com relação ao Piroxicam que sua bula indica seu uso para doenças como artrite reumatoide e gota aguda, as quais são frequentemente mais vistas em populações de idades avançadas, por se tratar de uma população jovem de estudo, a desproporcionalidade da presença das doenças para indicação do uso do medicamento pode justificar a diferença no uso do deste.

Os principais motivos para uso dos medicamentos era esperado, por corresponder com o que é proposto nas bulas dos mesmos. A dor é um dos sinais cardeais da inflamação, assim como o calor, que ocasiona a febre (CHAHADE; GIORGI; SJAZUBOK, 2008). Da mesma forma, os efeitos adversos também condizem com os esperados na bula, com exceção da sonolência, que não aparece como efeito esperado por nenhum dos medicamentos disponibilizados como opção e foi o primeiro colocado em número de pessoas que experienciaram, com distância abissal do segundo.

CONCLUSÃO

O presente estudo revelou uma expressiva prevalência da automedicação por meio anti-inflamatórios não esteroides em indivíduos que, embora apresentem perspectivas sociais, econômicas e informacionais relevantes, ainda utilizam dessa conduta para tratar de forma autônoma as sintomatologias casuais. Tais resultados demonstram a necessidade de uma intervenção educativa não apenas pontual, uma vez que a ingerência sobre a demanda se mostra significativa e preponderante no ato. Assim, potenciais riscos, ocultações não salutares podem ser minimizadas. Os autores ainda sugerem que haja continuidade deste ramo de estudo com número populacional estudado maior, para que possa haver mais confiabilidade em representações por porcentagem.

REFERÊNCIAS

ARRAIS P.S.D., COELHO H.L.L., BATISTA M.C.D.S., CARVALHO M.S., RIGHI R.E., ARNAU J.M. Perfil da automedicação no Brasil. **Rev. Saúde Pública** 1997; São Paulo , v. 31, n. 1, p. 71-77.

BATISTA A.M., CARVALHO M.C.R.D. Avaliação da propaganda de medicamentos veiculada em emissoras de rádio. **Ciência & Saúde Coletiva** 2013; v. 18, p. 553-561.

CABRITA J., FERREIRA H., IGLÉSIAS P., BAPTISTA T., ROCHA E., SILVA A.L., MIGUEL J.P. Estudo do padrão de consumo de medicamentos pelos estudantes da Universidade de Lisboa. **Revista Portuguesa de Saúde Pública** 2001; p. 39-47.

CHAHADE W.H., GIORDI R.D.N., SJAZUBOK J.C.M. Antiinflamatórios não hormonais. **Einstein** 2008; v. 6, n. Supl 1, p. S166-S74.

MONTEIRO E.C.A., TRINDADE J.M.F., DUARTE A.L.B.P., CHAHADE W.H. Os antiinflamatórios não esteroidais (AINES). **Temas de reumatologia clínica** 2008; v. 9, n. 2, p. 53-63.

PAULO L.G., ZANINE A.C. Automedicação no Brasil. **Rev. Ass. Med. Bras.** 1988; 34: 69-75.

SOLOMON D.H. NSAIDs: Mechanism of action. **UpToDate** 2007.

SILVA R.C.G., OLIVEIRA T.M., CASIMIRO T.S., VIEIRA K.A.M., TARDIVO M.T., JÚNIOR M.F., RESTINI C.B.A. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Medicina (Ribeirão Preto)**. 2012;45(1):5-11.

SOUZA L.A.F., SILVA C.D., FERRAZ C.D., SOUSA F.A.E.F., PEREIRA L.V. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. **Revista Latino-americana de enfermagem** 2011; v. 19, n. 2, p. Tela 1-Tela 7.